



EDITORIAL

## Uma luz no fundo do túnel na relação: Sistema Nervoso Central e Aids

VILMA CÂMARA \*

O século XX tem proporcionado maravilhas à humanidade: vida mais longa, graças ao avanço da medicina, trabalho facilitado pelo computador, conquista do céu com aeronaves e satélites. Mas também, o século veio oprimindo os homens com calamidades: poluição, genocídio nazista e hecatomose nuclear.

Agora, o atual momento, também está sendo caracterizado com o advento de uma grande doença, devastadora e implacável, ainda uma sentença de morte, logo e logo cumprida.

A grande doença, inicialmente relatada em homossexuais, hoje atinge toda a população de heterossexuais, mulheres e crianças. Para os preconceituosos, que a considerava como castigo sexual, sabem que não é esta a verdade.

Ainda se busca a cura total da Aids, pois já se conhece o seu agente etiológico, o retrovírus HIV.

As manifestações clínicas já estão demarcadas como também, os quadros clínicos sobrevividos em conexão com a queda das defesas imunológicas.

Os relatos à respeito da Síndrome da Imunodeficiência

Adquirida (Sida) colocam o comprometimento do Sistema Nervoso Central na frequência de 20 a 40%. Estes dados justificam que lesões neurológicas são evidenciadas em até 90% dos casos de pacientes com a Síndrome, submetidos à necrópsia.

Os estudos avançam, no sentido de extirpar a doença da Terra, e novos medicamentos, principalmente antivirais, têm sido utilizados. O uso de antivirais, inicialmente o AZT (Zidovudina) em 1987, já apresentou resultados de redução das manifestações neurológicas. São de grande valor estes resultados, pois, uma complicação grave é o quadro demencial em indivíduos jovens, que têm sido beneficiados pelo uso de antivirais.

Atualmente, com a era do coquetel, os efeitos colaterais do AZT, puderam ser controlados, pois há possibilidade de redução da carga viral em até mil vezes.

Podemos, portanto, falar em "tratamento" da Aids, embora ainda não exista a "cura". Provavelmente este fato vai permitir uma mudança na faixa etária dos pacientes, com o prolongamento da vida, surgindo a doença em pacientes com idade mais avançada, nos fará estudar melhor o envelhecimento humano.

\* Professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense

